

INSERÇÃO NA CULTURA ESCRITA: A TRAJETÓRIA DE TRÊS AUTODIDATAS

Lisiane Sias Manke
Doutoranda do PPGE/FaE/UFPEL
lisianemanke@yahoo.com.br

Darlene Rosa da Silva
Mestranda do PPGE/FaE/UFPEL
darlennerosa@yahoo.com.br

Carla Regina Lacau
Bolsista FAPERGS-HISALES
Carla.lacau@hotmail.com

RESUMO

Nesse artigo foram realizadas algumas reflexões relacionadas a sujeitos “comuns”, que de forma autodidata inseriram-se na cultura escrita. Apoiamo-nos no referencial de Abreu (2004), Brito (1996), Galvão (2007) e Hèbrard (1996 e 2001). Assim, através de três histórias individuais de autodidatismo, tivemos a possibilidade de mapear acontecimentos culturais que permitem compreender as dinâmicas de aprendizagem não-escolares, que possibilitaram a inserção desses indivíduos na cultura escrita.

Palavras-chave: História da Educação – Cultura Escrita - Autodidatismo

INTRODUÇÃO

Este trabalho é desenvolvido no âmbito de um projeto mais amplo, realizado no grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura e dos Livros Escolares) na FAE/UFPEL, sob orientação da professora Eliane Peres. Neste caso, centramos a investigação na trajetória de três indivíduos “comuns”, que de forma singular inseriram-se na cultura escrita. Ao apropriarmos-nos dessas trajetórias de vida, em especial dos momentos relativos à aprendizagem da leitura e da escrita, buscamos compreender o modo pelo qual os indivíduos constroem estratégias de aprendizagem da leitura e da escrita.

A história do senhor Ismael, da senhora Beloni e da senhora Laura, apresentam características semelhantes, com especificidades, que demarcam cada história de vida. A vida rural que marcou a infância, a origem familiar humilde, o gosto pelas letras e a capacidade de buscar meios próprios de inserir-se na cultura escrita, são características semelhantes nessas três trajetórias de vida.

Seu Ismael, aos oito anos de idade, desenvolveu algumas habilidades de leitura e escrita na casa de seus pais, não tendo freqüentado a escola. Dona Beloni durante anos acalentou o desejo de dominar as práticas de leitura e escrita, quando adulta e tão somente pelo esforço pessoal realizou o sonho. Dona Laura, “menina sonhadora e teimosa”, lutou muito durante sua vida para conservar e aprimorar os poucos ensinamentos que recebeu aos oito anos de idade, no período de um ano em que teve a possibilidade de freqüentar a escola, tornando-se escritora profissional.

A discussão em torno da inserção dos indivíduos na cultura escrita considera que ler e escrever são “produtos culturais de formas de participação social que implicam muito mais que o simples conhecimento de normas de uso do código escrito”. (BRITO, 2004, p.50). Portanto, o pertencimento a cultura escrita não se restringe ao conhecimento e domínio da capacidade de uso da leitura e da escrita, mas para além, ser capaz de conviver em uma sociedade balizada pelo código escrito, estabelecendo relações e podendo utilizar os discursos dessa cultura, nos diferentes espaços e modalidades. Para os casos que serão analisados nesse texto, utilizamos o termo “inserção na cultura escrita” no sentido do domínio das práticas sociais efetivas de leitura e de escrita¹. Através das três histórias teremos a possibilidade de mapear acontecimentos culturais que permitem compreender as dinâmicas de aprendizagem não-escolares, que de certo modo, possibilitaram a inserção desses indivíduos na cultura escrita.

Para desenvolver estas questões fundamentamo-nos nos pressupostos relacionados às tendências historiográficas da História Cultural, que oferece aporte para investigações de temas voltados as práticas sócio-culturais, assim como, abarca objetos e fontes de investigação pouco consideradas em outras correntes historiográficas. Nessa perspectiva, as pesquisas passam a incluir e valorizar sujeitos “esquecidos”, como também, voltaram o olhar para as práticas, usos e costumes dos diferentes grupos sociais. Nesta nova visão historiográfica, a atenção deve estar voltada para o problema e não para o documento, é o problema de dará direção à investigação. Para Reis (1998), “a história-problema devolve ao historiador a liberdade na exploração do material empírico. O fato histórico não está presente

¹ Ver também GALVÃO (2007).

“bruto” na documentação. O historiador não é um colecionador e empilhador de fatos. Ele é um construtor, recortador, leitor e intérprete de processos históricos.” (1998, p.38). Desta forma, a história oral apresenta-se como a fonte principal dessa investigação. Contudo, compreendemos que o pesquisador ao embasar um estudo em uma fonte específica, independentemente dessa, precisa considerar as especificidades que a metodologia oferece. Ao buscarmos ancorar os questionamentos desse estudo nos depoimentos coletados, observamos as considerações de Fernandes e Montenegro:

A narrativa gravada em uma entrevista não se constitui na memória propriamente, pois esta é inacessível: configura-se como a construção de uma determinada vivência a partir da memória. Durante o processo de rememoração o depoente estabelece relações entre as suas próprias experiências que o permite reconstruir seu passado segundo uma determinada estrutura, consciente ou não. (2001, p.92).

Portanto, a partir da reconstrução das vivências relatadas, foram analisados os dados empíricos que norteiam este estudo. As entrevistas foram realizadas a partir de questões semi-estruturadas, que permitiam aos entrevistados rememorar de forma espontânea seu passado, e em alguns momentos, algumas questões foram apresentadas de forma a elucidar os relatos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, permitindo a categorização para análise.

Dentre os caminhos que envolvem uma investigação, a localização e o contato com os depoentes é uma fase que requer muita sensibilidade e dedicação por parte do pesquisador. Localizar o senhor Ismael, por exemplo, tornou-se possível devido à indicação de uma “colega de pesquisa” que conhecia a trajetória de vida do seu Ismael, e o interesse das pesquisadoras pelo tema. O primeiro contato foi realizado por telefone, e a primeira entrevista agendada. Durante três horas ininterruptas seu Ismael relembrou suas vivências, dando ênfase às práticas de leituras e aos livros de história, aos quais têm se dedicado. Um segundo encontro tornou-se necessário, para que as questões relativas à aprendizagem da leitura e da escrita fossem referenciadas de forma mais específica. Seu Ismael reside no município de Cerrito/RS, sendo necessário um deslocamento de 40 Km por estrada de chão até a sua residência.

No caso da Senhora Beloni, moradora da localidade da Costa do Bica, a aproximadamente 90 km de distância do centro do município de Piratini/RS, o

primeiro “contato” aconteceu no ano de 2000, através da reportagem do Jornal Zero Hora, que trazia no título “Mundo esquecido no coração do Rio Grande: comunidade de descendentes de índios tupis-guaranis e tapes vivem longe da civilização e tentam manter suas propriedades, resistindo aos apelos da vida urbana” (SCHAFFNER, 2000, p. 42). No entanto, somente no ano 2007, ao dar início as investigações relacionadas às práticas de letramento em zonas rurais, buscamos localizar a senhora Beloni. Desta forma, o contato pessoalmente ocorreu no início do ano de 2008, quando foi realizada a primeira entrevista.

A localização da senhora Laura aconteceu durante as visitas a Colônia de pescadores Z-3 de Pelotas/RS², que aconteceram com o objetivo de mapear práticas de letramento fora do ambiente escolar. Sabíamos anteriormente da existência de leitores e escritores na comunidade, desta forma chegamos até Laura Matheus, conhecida por seus poemas e contos. No primeiro encontro passamos à tarde em meio as histórias, poemas, contos registrados em um livro com mais cem anos, sem perceber o tempo passar, fomos revivendo as memórias. No total foram realizadas cinco visitas de agosto a novembro de 2007, duas delas foram gravadas, e em 2008 alguns encontros acompanhando a sua trajetória até o dia da realização de um sonho acalentado desde a infância: o lançamento de seu livro individual.

Três Trajetórias de vida marcadas pelo Autodidatismo

(...) *Mas sou um velho quase analfabeto!*

(Ismael, 14.06.2008)

As palavras referenciadas foram repetidas por inúmeras vezes por seu Ismael, ao afirmar não ter conhecimentos gramaticais, ser um homem humilde que nunca frequentou a escola. Hoje, aos 86 anos de idade, viúvo e como os quatro filhos formados, divide o seu tempo entre os livros, apreciando as leituras de fatos históricos e se encantando com cada novidade que encontra nas páginas impressas. Fatos vivenciados pelo seu pai ou familiares no final do século XIX e início do século

² A Colônia de Pescadores São Pedro é o segundo distrito do município de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul. Situa-se às margens da Laguna dos Patos e caracteriza-se, como o próprio nome indica, pela atividade pesqueira como principal recurso econômico. Possui, atualmente, 5000 habitantes. A Colônia de Pescadores São Pedro tem, pela área que ocupa em relação à Laguna dos Patos, a denominação de Colônia Z-3. (disponível em: <http://pontodecultura.ucpel.tche.br/?site=z3>).

XX, no “período dos coronéis”, como ele denomina esse momento histórico, são pesquisados e investigados através dos livros, sendo o assunto predileto de suas leituras.

Mas como esse “leitor potencial” que nunca freqüentou a escola apropriou-se do código escrito? Em 1930, Ismael estava com 8 anos de idade, morava numa fazenda com os pais e as duas irmãs, realizando desde cedo as lidas campeiras com muito gosto, adorava encilhar o cavalo e ir para o campo. Naquele ano a família recebeu a visita de uma professora, que passava temporadas em determinados locais com o propósito de alfabetizar a “gurizada”, como conta seu Ismael:

“Não estudei série nenhuma [risos], eu tinha 8 anos quando essa velha parou lá fora [zona rural], ela lia, escrevia e fazia as quatro operações, eu aprendi com ela. Morou na casa do meu pai, morou um ano, isso foi em 1930, eu aprendi com essa professora”. (Ismael, 14.06.08).

E: Era uma professora formada?

“Não, era uma coitada, uma pessoa da campanha que nasceu e se criou assim, era de família analfabeta, mas era uma pessoa muito interessada que aprendeu com alguém, e achou por bem prestar esse serviço.” (Ismael, 01.08.08).

E como era a aula da Dona Maria José Monteiro Calderipe, a professora “coitada... que achou por bem prestar esse serviço”? Seu Ismael não consegue relembrar com detalhes dos momentos de aprendizagem, afirma inclusive, que em algumas ocasiões em que deveria estar recebendo as lições, encilhava o cavalo e ia para o campo, não dando muita importância para aqueles momentos de aprendizagem. Como algumas palavras, explica que: *“tinha uma cartilha (uma pena que não sei que fim levou aquela cartilha), e ela ensinava o abc, a cartilha e a tabuada. Inclusive ela gostava muito de matemática, por que dava todos os dias à tabuada para os alunos, e mandava fazer cópias”. (Ismael, 01.08.08).* Poucas são as lembranças de seu Ismael sobre esse ano, sobre sua alfabetização, o que talvez demonstre a pequena relevância que teve naquele momento em sua vida. Até mesmo porque seu Ismael não considera que tenha sido alfabetizado naquele ano, pois se considera até hoje como “quase analfabeto”, por não ter freqüentado a escola.

A professora Maria José também foi responsável pelas primeiras instruções escolares das duas irmãs de seu Ismael e das crianças que moravam na redondeza. O período de um ano era o suficiente para dar uma base da leitura da escrita e das

quatro operações. Mas era preciso de alguma forma continuar ampliando o conhecimento adquirido, por esse motivo a professora indicou a compra de um livro de História, que foi adquirido pelos pais de seu Ismael. Este livro foi de fundamental importância alguns anos mais tarde, para sua trajetória de vida, juntamente com um livro de Geografia que ganhou de um primo. Conforme relata:

“Naquele tempo lendo e fazendo as quatro operações se defendia muito bem. Basta ver que quinze anos depois eu fui para o quartel e com aquilo, deu para fazer o curso de cabo, e ser promovido, mas eu nunca estudei sempre morei na campanha e cuidava dos interesses do meu pai, e nunca tive oportunidade. Mas sempre gostei de me informar das coisas e ler, saber o que acontece. (...) Esta é minha Geografia e a História do Brasil que comprei em 1930. E quando eu fui servir no Exército esses livros foram tudo comigo, e lá me serviram.” (Ismael, 14.06.08).

Seu Ismael esteve no Exército brasileiro durante onze meses, no ano de 1945, período em que o mundo presenciava a II Guerra Mundial. Sair da casa dos pais, lugar de onde nunca tinha se afastado uma só noite, foi um desafio muito grande, ao ponto de suas lembranças e recordações serem organizadas em função do antes e do depois do quartel. Experiência que, segundo ele, foi bastante rica, mas que exigiu esforço e dedicação. Desde o princípio a intenção foi de realizar o curso de cabo para subir de posto, para isso precisava realizar uma prova, para a qual seu Ismael tinha dúvidas de que estaria preparado. Como revela:

*“Eu fui já com a idéia de servir na ocasião da guerra e como soldado raso era horroroso, então eu disse: não, tenho que fazer um empenho fazer um curso de cabo coisa assim, então eu levei meus livros.” (Ismael, 14.06.08).
No teste do quartel tinha que fazer um ditado, e eu nunca tinha feito um ditado, e eram duzentos candidatos. E eu estava em alas, como vou fazer um ditado? Então tinha um rapaz que tinha feito Patronato, Escola Agrícola, e começou a me ensinar, não coloca “n” antes de “p” e de “b”, e assim, essas coisas. E eu passei e ele rodou! [risos]. E caiu outras coisas como o descobrimento do Brasil, a era [ano], e essas coisas que eu tinha estudado nos livros.” (Ismael, 01.08.08).*

Ter passado no curso de cabo foi motivo de muito orgulho para seu Ismael, inúmeras vezes ele repetiu, durante as entrevistas, que “um quase analfabeto”, que teve pouca instrução, conseguiu alcançar um posto desejado por vários colegas do Exército. No entanto, percebe-se que a formação desse senhor não esteve limitada aos ensinamentos da professora Maria José. A aprendizagem cotidiana e o esforço pessoal fizeram a diferença para sua inserção na cultura escrita. Como se observa em seus relatos:

“A gente tinha que aprender lendo, se informando, por que professor não tinha, não tinha colégio. Essas coisas de matemática mesmo eu fui aprendendo, regra de três eu foi aprendendo ao observar.” (Ismael, 14.06.08).

“Matemática eu aprendi com meu primo, que era muito adiantado, frações decimais foi ele quem me ensinou.” (Ismael, 01.08.08).

“Mas matemática eu aprendi praticamente sozinho, puxando pela idéia. Numa ocasião eu estava numa barraca que vendia lã, (eu sabia as quatro operações e os vizinhos me pediam para dividir os quilos, quando dava quebrado para saber o valor da arroba) e nessa ocasião o barraqueiro pesou a lã e - uma coisa simples, a regra de três simples -, e ele pesou a lã e deu tantos quilos e depois ele pôs o valor dos quilos e depois pôs o valor da arroba. E o valor da arroba ele colocou os quilos e multiplicou e dividiu. E...[silêncio], eu fiquei quieto, vi que deu certo, e aprendi, aprendi a regra de três com o barraqueiro! E já ensinei para muito comerciante daqui, que ficam duvidando, mas será que dá? [risos].”(...). “Medições de terra também é uma coisa que eu tenho facilidade, fração pequena de terra eu faço os cálculo... do tempo de tirar a prova real.” (Ismael, 01.08.08).

A trajetória de vida do senhor Ismael permite-nos observar a proximidade que este estabeleceu com o código escrito. Se as instruções recebidas aos 8 anos de idade foram elementares, as relações sociais, as observações e comparações realizadas cotidianamente, tornaram-se estratégias para novas aprendizagens, como forma de desenvolver as habilidades da leitura e da escrita.

“Depois de eu começar a ler uma coisa eu me perco”.

(Beloni, 07.01.2008)

As palavras acima demonstram a relação de dona Beloni com a leitura, uma mulher indígena, de 50 anos de idade, que longe da escola aprendeu a ler e a escrever depois de adulta, e a partir de então, passou a “perder-se” ao iniciar uma leitura, ou seja, ao ler “inicia uma viagem onde se perde no espaço e no tempo”. A inserção dessa mulher na cultura escrita demonstra de forma singular os processos individuais e estratégias de aprendizagem, além de evidenciar a variedade de materiais escritos que podem constituir-se como suporte para a aprendizagem.

Há oito anos o Jornal Zero Hora, ao realizar uma reportagem sobre a localidade Costa do Bica, afirmava que “com um baixíssimo índice da alfabetização, a saúde confinada às ervas medicinais e a alimentação baseada na agricultura de subsistência, 40 famílias do lugarejo Costa do Bica, descendentes de índios tupi-guaranis e tapes, resistem ao êxodo rural clamando por empregos e incentivos à

produção agropecuária (SCHAFFNER, 2000, p. 42).” A matéria centrava-se na história de um casal de moradores da localidade, João e Beloni, salientando a questão do analfabetismo na região:

A família do agricultor João de Moura Porto é uma síntese do grupo. Morando numa área de 45 hectares e com seis filhos, dos quais só um nasceu no hospital, João e a mulher Beloni são analfabetos e estão prestes a perder a própria casa. A propriedade, em nome do pai de Beloni, está à venda. Em meio à angústia, dividem o tempo entre os afazeres rurais e a espera pelo ônibus escolar e a visita mensal de uma enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde – raras presenças urbanas em meio a uma imensidão de fragilidades do cotidiano rústico e quase imaculado (SCHAFFNER, 2000, p. 42).

Junto à reportagem podia ser observada a foto do casal de agricultores em sua casa de barro e santa-fé³. A partir da releitura da reportagem do jornal Zero Hora e do contato pessoal com o casal em 2008, podemos vislumbrar outros aspectos dessa história, em especial a “vitória” de dona Beloni contra o analfabetismo.

Dona Beloni é agricultora, mãe de seis filhos, mora com o marido, João, e quatro de seus filhos. A família hoje não habita mais a casa de barro e santa-fé, mas um prédio cedido pela prefeitura municipal de Piratini, local onde funcionou uma escola. Em 2000, na entrevista ao jornal Zero Hora, o casal aparece como “analfabetos”. No entanto, em janeiro de 2008, dona Beloni declara-se, na entrevista, alfabetizada. Sendo questionada sobre como aprendeu a ler, conta que esse foi um processo solitário, que ocorreu depois de adulta, através de rótulos de produtos. Como revela:

“Eu pegava tudo: era caixa, era vidro, qualquer coisa que eu sabia o que tava escrito e, então, eu ficava olhando. Rótulos que eu sabia, ou remédio que eu sabia, ou eu perguntava a palavra pra uma pessoa e ela dizia, e eu ficava ali olhando e repetindo e foi por aí que eu aprendi [...] aquela loucura desde pequeninha aquela vontade de aprender a ler.” (Beloni, 07.01.2008).

D. Beloni não freqüentou a escola quando estava em idade própria, devido à ausência desta, mas buscou alfabetizar-se depois de adulta, realizando a “*loucura... de aprender a ler*”. Este esforço pessoal é relatado como entusiasmo, como o resultado de momentos de angústia e dedicação, que a levaram a inserir-se na cultura escrita. Nesse sentido, Hébrard (1996), ao falar de indivíduos com experiências bem sucedidas no campo da cultura escrita, salienta que o relato de suas trajetórias dá-se de uma maneira especial, ou seja, “o autodidata testemunha

³ A palha de santa-fé é retirada de terrenos úmidos, próximos a arroios, e preparada antecipadamente para cobrir a armação do teto.

não somente a possibilidade de aprender a ler, no sentido pleno do termo, mas também a necessidade de contar essa aprendizagem para dar-lhe a sua verdadeira dimensão, a de uma vitória contra a inércia das posições culturais” (p. 38).

Entre as estratégias que dona Beloni utilizou para aprender a ler, está o ato de observar, de “ficar olhando” e repetindo, de perguntar para outra pessoa. Os rótulos disponíveis aproximavam-lhe de um “mundo” do qual estava excluída, o mundo das letras, da cultura escrita. Ao dominar o código escrito dona Beloni satisfaz-se quanto leitora. Para Hébrard (1996, p. 43), “de nada serve ter aprendido a ler e ler bem, se essa capacidade não se torna o núcleo de um hábito cultural novo”. Ao incorporar a leitura em suas práticas cotidianas dona Beloni insere-se no mundo da leitura e, em seu relato salienta que através da leitura:

“A gente entra numa viagem, a gente faz uma viagem que é só da gente. Depois de eu começar a ler uma coisa eu me perco. Olha, não tem um passeio, não tem nada melhor que um livro bom e que tu consiga ler.” (Beloni 07.01.2008).

A “vontade de aprender a ler” rememorada pela entrevistada, nos convoca a pensar nas palavras de Abreu:

Já não é preciso que se façam campanhas para divulgar a importância da leitura e para estimular o “hábito” de ler. Governos, instituições culturais e escolas têm despendido esforços para convencer as pessoas de que “é importante ler”, de que “ler é um prazer”, mas elas já sabem disso (ABREU, 2004, p. 34).

Complementando as palavras dessa autora, Brito (2004, p. 49) coloca que: “o problema está muito mais relacionado com as condições de acesso ao livro e à informação que à vontade ou à falta de interesse das pessoas”.

A região onde reside dona Beloni, não dispõe de locais para aquisição ou empréstimo de livros, revistas ou jornais, já que o acesso dessas pessoas à cidade é feito com grande dificuldade, e certamente as condições financeiras também são desfavoráveis. No entanto, dona Beloni lançou mão de algumas estratégias para desenvolver a prática da leitura. Por estar residindo em uma escola que fora desativada e muitos livros desprezados no prédio, ela resgatou este material. Assim, os livros jogados no lixo pela antiga escola hoje compõem o seu material de leitura. Além deste, os livros presenteados pelas filhas que moram na zona urbana do município fazem parte da sua “biblioteca particular”.

Dentre as desilusões desta mãe que é uma mulher “vitoriosa”, está o fracasso escolar dos filhos. O que relata com grande tristeza: *“pra mim é um fracasso total os*

meus filhos não ter continuado estudar, sendo que foi por força de vontade que aprendi. Por isso eu achava que meus filhos iam adorar estudar.” (Beloni, 07.01.2008).

Por fim, pode-se dizer que as estratégias utilizadas por dona Beloni para alfabetizar-se nos convocam a pensar novamente nas palavras de Hébrard (1996, p.58) quando afirma que a alfabetização é “a princípio, uma vontade, nascida da constatação de uma impotência”.

“Quem é bom já nasce feito!”
 (Laura. 26.10.08)

Dona Laura... sorridente, passos lentos aos seus 70 anos idade, algumas complicações de saúde em virtude do diabetes, e uma história fascinante, de sonhos e realizações. Entre os sonhos freqüentar a escola, aprender a ler e escrever, traduzir o mundo em letras, palavras, símbolos de autonomia. O que perseguiu por toda a sua vida foi realizado. No trecho do conto autobiográfico podemos conhecer um pouco de sua história:

Teimosa

“Era uma vez teimosa,
 uma menina muito pobre que gostava de ler.
 A mãe semi-analfabeta a estimulava dizendo:
 - Eu queria tanto que uma de minhas filhas fosse professora!
 O pai sem emprego fixo vivia de bicos e não tinha paradeiro.
 Ora estava em algum vilarejo, ora nos banhados, batendo junco.
 Teimosa gostava de aventuras.
 Parecia-se com o pai, mas com isso se privava da escola,
 sufocando a ansiedade de aprender.
 Certa vez (...).”

(Laura Matheus, 2008, p.63).

A menina Laura, em companhia de seus pais e os cinco irmãos, buscava o sustento da família na agricultura. Aos oito anos de idade, ao final do plantio de eucaliptos, no ano de 1944, seu pai mudou-se para o bairro Areal em Pelotas, onde, na época, havia uma fábrica de produtos químicos e nas dependências dessa fábrica havia algumas moradias, onde foram morar. Para Laura a única vez em que se lembra de terem tido uma casa, “*uma casa de verdade, com móveis e tudo arrumadinho*”; antes disso eram somente lugares para ficar uma temporada. Laura fez amizade rapidamente com as outras meninas, descobriu que ali bem perto havia

uma escola... Tinha os pés descalços e usava um vestidinho desbotado, nem pensou duas vezes, correu, foi até lá e matriculou-se. Enfrentou dificuldades, mas não deixou de ir à aula. Lembra-se das professoras que a acompanharam:

“Eu corri e me matriculei, eu mesma, naquele tempo não era tão complicado, aí cheguei lá, queria me matricular e eles deixaram, passei então a freqüentar as aulas. Foi muito lindo, muito lindo, sei lá, gratificante aquilo pra mim, aí então ali eu fiquei um ano. Lembro de duas professoras que amei de paixão, foi a Dona Jessi e a Dona Zilda. (...) depois acabou o ano e tive que sair e na segunda série eu tive que sair muito cedo, dois meses, porque meu pai tinha que trabalhar na colônia, numa plantação de cebola, e aí tive que sair. Mas era muito gratificante, e eu fiz esse ano de escola quase todo sentada na secretaria, eu tive uma praga de furúnculos, que saiu pelo corpo todo, eu nem podia me mexer muito, então para evitar que eu me machucasse no recreio eu não tive recreio, ficava na mesa da professora, Dona Zilda. E mesmo assim eu não desisti, eu ia sempre, eu não sei porque eu queria tanto ir, e eu sempre dizia que eu ia escrever um livro, e as pessoas riam de mim, naturalmente, até eu ria de mim com esse sonho impossível(...)” (Laura, 03.09.07).

Ao final do ano, as melhores notas foram as dela, eufórica sonhava com o ano seguinte. Mas chegou o dia em que seu pai precisou ir embora, mudou-se, em meados do ano de 1945, voltou para as plantações, quando menina sentiu medo de esquecer tudo o que aprendera na escola. Passava, então, o dia trabalhando, tinha apenas nove anos, plantava mudinhas de cebola. As lembranças de infância de Laura ficaram marcadas pelo fato de logo ali, bem em frente à plantação haver uma escola, e as crianças desfilavam com seu material escolar e os uniformes. Laura conta que chorava, pois o pai não permitia que ela freqüentasse a escola, então, ela fazia voltas com o dedo estendido no ar reproduzindo letras, pretendia mostrar às outras crianças que ela também sabia escrever. Nas horas de folga do trabalho ela conversava com a mãe, que a incentivava, então pegava papel e lápis, escrevia, descobria novas palavras. Mas desvalorizada, por todos rirem dela, sentia-se envergonha, jogava fora o que escrevia, eram fragmentos mal escritos, pela deficiência do pouco que havia aprendido. Para Galvão (2007, p.29), “a aprendizagem nas culturas de oralidade primária não se dá, pois, pelo disciplinamento imposto pelo hábito de ‘estudar’, mas predominantemente pela imitação (...) e o recurso à memória constituem a base dos processos de transmissão do conhecimento”. As “escritas” de Laura ficavam registradas em sua memória, às vezes, chegavam ao papel, mas, diz: “eu não guardava o que eu

escrevia, a maioria ia fora, escrevia e deixava por ali, por cima de algum armário e depois terminava indo fora (...).” (Laura, 26.10.08).

Laura cresceu acalentando um sonho, casou, separou-se e, em seu segundo casamento, ao escrever um poema para dar de presente à professora de sua neta, a sogra descobriu que ela escrevia. Escrevia e jogava fora. Neste dia Laura ganhou de sua sogra um livro de registros, que a incentivou a registrar os seus contos.

Ela tinha filhos e netos, mas foram seus sobrinhos que se interessaram pela sua literatura, transformando suas escritas, seus contos, em publicações, uma coletânea: *“Tarde demais para não publicar”*, a partir de uma oficina literária organizada por Hilda Simões Lopes; também na Revista *“Literatura Marginal”*, organizada pelo escritor Ferréz; e em *“História de pescador”*, um livro de fotos do dia a dia da colônia de pescadores, de autoria de três fotógrafos: Elio Stolz, Manuca Nogueira e Marcelo Cúria, com textos escritos por Laura Matheus, que circulou em exposição itinerante pelo Brasil e em Milão, na Itália. Dona Laura coleciona muitas entrevistas, reportagens, fotos em jornais, tudo catalogado por ela, em álbum. Acompanhamos sua trajetória durante alguns meses, e, finalmente, em maio de 2008 ela viu o maior sonho realizado, uma noite de autógrafos na Livraria Vanguarda, de Pelotas, aos 71 anos de idade, a publicação de seu primeiro livro individual, *“Barbiele”*.

O que Dona Laura escreve é rico em elementos que revelam a sua história de vida e assinalam características do seu autodidatismo. A trajetória é marcada pelo fato de seu pai não ter percebido o valor que a menina, demonstrava dar à alfabetização. Ela escrevia para dar significado a um sonho, explicar um fenômeno da natureza, enfim, estratégias que usava para manter vivo o aprendizado deficiente. Segundo ela, o pai dizia: *“quem é bom já nasce feito”*, para justificar sua atitude de não deixar que ela freqüentasse a escola. Contudo, Laura não pensava assim, tinha uma inquieta sensação de impotência contrastando com o potencial que ficou adormecido pelo tempo e no tempo.

“Se eu tivesse tido a oportunidade de estudar, eu seria uma grande escritora, por tudo que eu joguei fora, eu seria uma grande escritora, seria muito bom, mas pra sede que eu tinha de publicar eu realizei um sonho.” (Laura, 26.10.07).

Hoje, Laura não escreve mais, por problemas de saúde, mas afirma que não parou de criar, pensa o tempo todo em novas histórias, continua sendo a menina teimosa de outrora...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos permite um olhar sobre os processos de autodidatismo na aprendizagem da leitura e da escrita, a partir da análise dos caminhos que foram percorridos por três sujeitos - seu Ismael 86 anos, dona Beloni 50 anos, dona Laura 71 anos de idade - destacando aspectos importantes na compreensão das formas de inserção na cultura escrita. Os relatos apontam para singularidades vivenciadas por cada um dos indivíduos, que culminaram no mesmo ideal: inserir-se na cultura escrita. Para seu Ismael, em um determinado momento de sua vida o domínio do código escrito tinha um motivador, que era passar no curso de Cabo. No entanto, após onze meses no Exército, essa necessidade se desfez, ele voltou para a lida campeira, mas tornou-se um leitor potencial. Dona Laura e dona Beloni não tinham essa necessidade prática, mas buscaram incessantemente estratégias para dominarem na cultura escrita. Dona Laura criava contos registrando-os na memória e de forma tímida, quando possível, os registrava por escrito. Dona Beloni memorizava, decorava, “gravava” palavras que lhe eram ditas, assim, a partir das associações entre o oral e o escrito foram construindo suas aprendizagens.

Portanto, sujeitos inseridos em contextos marcados pela oralidade que de forma autodidata tornam-se leitores e/ou escritores, mas para tanto, primeiro “aprenderam a ler e a escrever”, para Hébrard (2001, p.73), “é isso que o distingue daqueles que sempre o souberam”. Assim, através de estratégias individuais, talvez não legitimadas nos processos de aprendizagem escolar, mas de práticas caracterizadas como não-escolares, foram criando meios de permanecer e/ou introduzirem-se na cultura escrita. Hébrard (1996, p. 71) considera, que “os caminhos do autodidatismo não são nunca atalhos, mesmo que ignorem os métodos tradicionais do saber”. Sendo assim, são caminhos autênticos, capazes de transformarem vidas, possibilitando a descoberta de um novo mundo através dos resultados almejados.

Referência Bibliográfica:

ABREU, Márcia. Os números da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.

BRITO, Luiz Percival Leme. Sociedade de Cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Global, 2004.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERNANDES, Tânia Maria; MONTENEGRO, Antônio T. (Orgs.). **História Oral: um espaço plural**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, Memória e Narrativa: Elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, A.M. de O.; MELO, J. F. de; SOUZA, M. J. F. de; RESENDE, P. C. (orgs.). **História da Cultura Escrita: século XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MATHEUS, Laura. **Barbiele**. São Paulo: Luzes no Asfalto, 2008.

REIS, José Carlos. Os Annales: a Renovação Teórico-Metodológica e “Utópia” da História pela Reconstrução do Tempo Histórico. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz (org.). **História e História da Educação**. 2ª ed. Campinas-SP: Autores Associados: HISTEDBRI, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2004.

SCHAFFNER, Fábio. Mundo esquecido no coração do Rio Grande. **Zero Hora**. Porto Alegre, 2000.